

00434/81

RECORRE
Aptidão 2371
114 Lisboa (odex)
Telef. 54 4501

TEMPO (O)	Lisboa	30. MAR 1981
ZÉ (O)	Rio Maior	
GENTE	Lisboa	
INDÚSTRIA do NORTE(A)	Porto	
ORDEM (A)	Porto	

Associações Académicas

Van-Porto

Universitários nortenhos querem Associação

PORTO (TEMPO) — A Associação Académica do Porto poderá vir a tornar-se uma realidade ainda no decorso deste ano — soube o «Tempo» junto de fontes estudantis.

Com efeito, estamos em situação de poder revelar o «projecto de estatuto da Associação Académica do Porto», que foi pela primeira vez apresentado à Direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências do Porto em 22 de Janeiro deste ano.

Todo o processo com vista à formação da Associação Académica do Porto surge já desde 1979 e mais fortemente desde a «Queima das Fitas» do ano passado. No entanto, há que perguntar quem não está interessado na constituição da AAP, uma vez que existem ainda algumas Associações que não aceitaram o «projecto de estatuto» já referido.

Segundo o nosso jornal conseguiu saber, a formação da Associação Académica do Porto irá, evidentemente, retirar a predominância a muitos dirigentes associativos que, é um facto, polarizam à sua volta a vida de tais associações, ainda em resquícios do que foi a actividade de tais

organismos logo após o 25 de Abril de 1974. Evidentemente que, dentro de determinada lógica, tais dirigentes associativos não aceitarão ser privados de «regalias» e «privilégios» que, de uma forma ou de outra, detêm neste momento. No entanto, a maioria das associações estudantis da Academia portuense aprovou já o citado «projecto de estatuto», pelo que, como dissemos, a Associação Académica do Porto poderá vir a ser uma realidade ainda no decorrer do corrente ano.

«O «projecto de estatuto» salienta, a dado passo, como objectivos da AAP, os seguintes:

- a) — a criação de uma estrutura democrática e representativa de todos os estudantes da Academia do Porto, dotada de capacidade organizativa e poder negocial, de forma a tomar-se co-responsável na administração dos destinos da Academia do Porto;
- b) — a obtenção de meios financeiros que permitam, para além da gestão dos serviços hoje exclusivamente dependentes do Estado, concretizar objectivos mais amplos de relançamento pedagógico, cultural e social;

c) — a co-responsabilização na gestão de estruturas como o TUP (Teatro Universitário do Porto), o OUP (Orfeão Universitário do Porto), o CDUP (Centro Desportivo Universitário do Porto) e os SSUP (Serviços Sociais da Universidade do Porto);

d) — a institucionalização de uma estrutura que possa ser uma força eficazmente interveniente na definição dos objectivos educacionais do País, designadamente naquilo que

respeita ao Ensino Superior; e) — a efectivação dessa intervenção através de uma estrutura federada, a nível nacional, de modo a que possa funcionar como parceiro social, consultado em todos os problemas prementes da sociedade portuguesa.

Ainda segundo o «projecto de estatuto», os órgãos da A. A. P. deverão ser o «Senado», a «Mesa do Senado», a «Direcção» e o «Conselho de Fiscalização».

Pode dizer-se, assim, que com a constituição da Associação Académica do Porto se pretende ligar a Academia à sociedade — facto que, verdadeiramente não se regista hoje em dia. Efectivamente, para além de problemas vários que impedem que a Universidade esteja voltada não só para a cidade do Porto mas também para o Norte e, afinal, todo o País, pode dizer-se, sem qualquer dose de exagero, que se está a assistir, desde há muito tempo, à uma vida amorfa no seio da Universidade, apenas quebrada, revivificada, através de iniciativas que alguns grupos de estudantes levam a efeito. O caso que se relaciona com a reitoria da Universidade do Porto é sintomático disto mesmo — e daí que os estudantes que levaram por diante a apresentação deste «projecto de estatuto da Associação Académica do Porto» pretendam alcançar para a Universidade uma autonomia efectiva, fundamentalmente através de uma vontade clara e política, indubitavelmente, das entidades competentes, sem que, evidentemente, os organismos estudantis não tenham uma palavra a dizer — porque, efectivamente, devem também participar em todo este processo.